DOI: 10.5752/P.2237-8871.2015v16n25p77

Como ler uma revista ilustrada? Uma proposta metodológica para o estudo de periódicos ilustrados publicados no Brasil oitocentista

Guilherme Elias de Figueiredo*

Resumo

O artigo discute questões metodológicas para o estudo das revistas ilustradas brasileiras oitocentistas. O objetivo é debater um método de análise que se detém sobre os sentidos estabelecidos na interação entre textos e imagens de determinado número de um periódico ilustrado, na lógica formada pela leitura sequencial de suas edições e nas suas relações com outras revistas e jornais que circularam no Brasil durante o século XIX. Essa perspectiva foi denominada "blocos temáticos de análise" e possibilita a compreensão de sentidos não observados quando são analisadas isoladamente as imagens e os textos dessas revistas. A proposta aponta para a importância de o historiador considerar o projeto editorial de um periódico ilustrado e as formas de apropriação e contextualização das ideias, símbolos e visões sobre a sociedade brasileira oitocentista desse tipo de publicação. Para tanto, foram analisados os números 84, 85 e 87 da **Revista Illustrada** de Angelo Agostini. Essas edições abordaram o retorno de D. Pedro II ao Brasil depois de sua segunda viagem internacional em 1877 e a repercussão desse fato na imprensa brasileira, assunto que norteia o bloco temático de análise. São apontados caminhos que podem contribuir para a interpretação historiográfica sobre os periódicos ilustrados publicados no Brasil no século XIX.

Palavras-chave: Revistas ilustradas; Metodologia; Brasil; Século XIX.

Introdução

As revistas ilustradas oitocentistas, assim como outros tipos de periódicos, têm recebido nas últimas duas décadas grande atenção nas pesquisas sobre a história do Brasil. Em geral são trabalhos sobre a arte, a cultura, a imprensa e a política no país, com enfoques que vão da estética dos desenhos até as formas das ideias debatidas nas páginas desses impressos. Também identificamos numerosas biografias de caricaturistas e chargistas que atingiram reconhecimento nacional e que contribuíram expressivamente para o desenvolvimento da imprensa ilustrada no Brasil.[1] Para além dos trabalhos acadêmicos, ressaltamos ainda a presença de muitas caricaturas nos livros

* Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

[1] Destacamos as biografias de: Manoel de Araújo Porto-Alegre, produzida por Antunes (1943); caricaturista Henrique Fleiuss, de autoria de Guimarães (2006); Angelo Agostini, elaboradas por Balaban (2009), Oliveira (2006) e Silva (2010) e, por fim, de J. Carlos, apresentada por Cotrim (1985).

didáticos de História utilizados na educação básica como forma de ilustrar o Brasil de séculos passados. Por isso, é bem provável que grande parte dos estudantes brasileiros das décadas de 1990 e 2000 tenha lido alguma das imagens desses periódicos.

Um marco para o estudo da imprensa ilustrada brasileira é a obra de Herman Lima, **A História da Caricatura no Brasil** (1963), seus quatro volumes representam o primeiro esforço na historiografia brasileira de catalogar e biografar os artistas e empresários que trabalharam na publicação de revistas ilustradas no Brasil ao longo dos séculos XIX e XX. Ainda que Lima tenha identificado um grande número de personagens e periódicos envolvidos nessa atividade de imprensa, percebemos que a obra desenvolve pouco a perspectiva metodológica. Em alguns momentos fica nítida a escolha do autor em deixar prevalecer os gostos pessoais, o que não compromete a apreciação e utilidade do estudo, mas torna necessário um maior cuidado crítico com as interpretações apresentadas. De toda forma, o legado de Herman Lima está sendo renovado em pesquisas recentes como as de Luciano Magno (2012), que não só apontou novos marcos para a fundação da caricatura brasileira como resgatou artistas esquecidos e problematizou visões tradicionais sobre a caricatura e a imprensa ilustrada no Brasil.

Além do crescimento no número de estudos sobre as revistas ilustradas brasileiras, observamos, principalmente, um esforço dos pesquisadores para ampliar os horizontes interpretativos sobre esses impressos. Assim, novos problemas são apresentados para se estudar esses periódicos, tais como o contexto tecnológico que permitiu suas produções, as convenções linguísticas e as práticas de distribuição e de leitura relativas ao período em que eram publicados. Tal verticalização das análises foi abarcada por questões desenvolvidas em diferentes campos historiográficos tais como da história da imprensa no Brasil, renovada por estudos como o de Ana Luzia Martins (2001) e o de Tania de Luca (2011), e da história dos intelectuais e das ideias, muito inspirados nas constatações de Alonso (2002). Enfim, as pesquisas recentes compartilham em comum uma grande preocupação em determinar o espaço dessas revistas na sociedade no Brasil. Isso acarretou na reformulação de problemas que partem, por exemplo, da perspectiva da história social para entender pelas artes publicadas nesses periódicos os significados relativos à cultura de sua época, tal como foi desenvolvido por Oliveira (2011). Em outros casos, o foco é contextualizar as ideias políticas de intelectuais que compreendiam a grande penetração popular das revistas ilustradas e por isso as consideravam propícias para disseminar suas ideias, tal como foi desenvolvido no estudo de Pires (2010).

Historiografia das revistas ilustradas brasileiras oitocentistas e as tendências metodológicas de análise

Nosso trabalho selecionou alguns estudos como os de Ribeiro (1988), Telles (2007), Oliveira (2006), Lopes (2010) e Silva (2010). O objetivo é apontar, de uma forma geral, o que já foi desenvolvido como metodologia de análise das revistas ilustradas publicadas no Brasil durante o século XIX para, então, destacar questões relativas a essas interpretações que dialogam ou que podem ser aprimoradas por princípios metodológicos que serão apresentados adiante em nosso trabalho. Selecionamos também essas pesquisas porque elas analisaram, em algum momento, o mesmo periódico por nós estudado: a **Revista Illustrada** (1876-1898).

Entendemos que os trabalhos anteriormente citados focaram-se na análise das caricaturas veiculadas nas revistas em detrimento dos seus textos. Isso não quer dizer que os pesquisadores tenham abdicado-se de interpretar as colunas escritas desses periódicos, diz apenas que seus métodos de análise enfatizaram mais as interpretações dos textos imagéticos. Por isso, em nossa concepção, tais pesquisas dialogam com uma tradição firmada desde o século XIX que desloca os desenhos, apresentados em uma edição/número de uma revista, de sua função e espaço dentro desse específico momento da publicação.[2] A título de exemplo, vejamos a análise de Lopes (2010, p. 291) tendo como base uma imagem presente na **Revista Illustrada**, n.º 550, publicada dias após a abolição da escravidão no Brasil.[3] No desenho foi representado um grupo de fazendeiros exigindo indenizações do governo pela perda de seus escravos e, ao mesmo tempo, pedindo a instauração da república. Todavia esses personagens tinham sua marcha barrada pela figura de Marianne, o símbolo da República Francesa, que mostrava em suas mãos o sangue dos escravos que muitos fazendeiros derramaram. Para Lopes:

[2] O que denominamos de tradição são as tendências de inserção, utilização e análise de imagens em diversos tipos de impressos, como jornais ou em importantes pesquisas sobre o tema caricatura no Brasil. Um caso interessante é encontrado em Oliveira (2006, p. 138), quando observou que os desenhos publicados no número 427 da **Revista Illustrada** foram reproduzidos por um jornal abolicionista dos Estados Unidos. Essas imagens foram deslocadas, de certa forma, de seu diálogo direto com os textos que compunham o determinado número da revista e também do contexto que cercou a elaboração dessa arte, marcado por intensos debates dentro da imprensa brasileira sobre a violência contra o negro no Brasil. No entanto, os editores da **Revista Illustrada** receberam de bom grado a notícia sobre a reprodução desses desenhos. Isso demonstra certa despreocupação dos próprios autores com as possíveis interpretações equivocadas que surgiriam por conta desse deslocamento das referidas artes.

[3] O referido desenho não foi anexado no trabalho para aproveitarmos melhor o espaço de discussão com imagens por nós analisadas. Essa arte é bem conhecida na historiografia brasileira, já analisada em outras pesquisas como na obra **A formação das Almas** de José Murilo de Carvalho (1990, p. 81).

> Dessa forma, o caricaturista apontava que para resolver o impasse não era necessário ocorrer uma mudança na estrutura política brasileira com a instalação de uma República. Por outro lado, aqueles que defendiam essa mudança corriam o risco de se sujarem com o sangue que ainda escorria das mãos dos escravocratas se aceitassem de bom grado o seu apoio que tinha, implicitamente, o objetivo de defender seus interesses particulares. Para esses, o caminho era apontado na solução encontrada pelo fazendeiro que apenas observava da sua lavoura o préstito que perseguia a República. (LOPES, 2010, p. 291).

A nosso ver, as conclusões de Lopes (2010) estão de acordo com sua proposta de estudo. Todavia, nos parece possível e necessário uma maior atenção sob o específico contexto da publicação da imagem por ele analisada, pois certas questões podem ser ampliadas ou repensadas, tal como, por exemplo, qual seria a visão não só do artista, mas também dos outros editores da revista, sobre a ala republicana brasileira naquele momento marcante da política nacional? Pela perspectiva analítica de Lopes, a qual se assemelha aos métodos de outros estudos, foram ressaltados os sentidos do desenho de forma a valorizar sua autonomia em relação ao suporte/número da revista onde foi publicado. Ou seja, a imagem tem por si só força para sustentar sua lógica, de envolver grande parte das referências contextuais que mobilizaram sua elaboração, apesar de que em alguns casos os textos que compõem o periódico e outros jornais podem também ser utilizados para confirmar certas interpretações.[4] A própria autorrepresentação que os editores das revistas ilustradas davam aos seus trabalhos, denominando-os de revistas de arte ou artísticas, ajudava a justificar a predominância de interpretações das imagens em detrimento da análise dos textos nas pesquisas. No entanto, sabemos que a ação desses periódicos na sociedade brasileira oitocentista não ocorreu apenas pela publicação de desenhos, ainda que esses constituíssem a principal atração de suas páginas para os leitores. Nesse caso, cabe aqui uma rápida reflexão sobre as características da arte representada nos periódicos.

Os desenhos das revistas publicadas no Brasil oitocentista tinham um traço predominantemente realista, com muitos detalhes na composição dos personagens, dos cenários e com reproduções fidedignas dos rostos das pessoas retratadas. Apesar desse realismo, em geral eram artes cômicas e utilizavam-se da sátira para a mobilização do humor. Isso se dava principalmente pela representação dos personagens em situações atípicas ou executando gestos absurdos. Era comum a utilização da palavra caricatura

[4] Sobre as relações entre discurso das caricaturas e discurso dos textos sugerimos o estudo de Siqueri (2006) e Teixeira (2001). O estudo de Oliveira (2006) também desenvolveu um debate em torno da atividade da imprensa para analisar as caricaturas.

para definir tais desenhos, não sendo raro identificar também as denominações de quadros e retratos. Já os artistas eram tratados predominantemente como caricaturistas. Ou seja, as revistas ilustradas brasileiras oitocentistas ficaram marcadas pelo jornalismo humorístico e pela ideia da produção de artes caricaturais. Lembramos ainda que existiam casos diferentes, como o jornal **O Novo Mundo** que era prensado em Nova York, mas idealizado por brasileiros, escrito em português e que circulou no Brasil como uma folha ilustrada para instrução social e debate intelectual.

O conceito de caricatura já foi amplamente estudado e mesmo assim permanece muito polêmico na historiografia no Brasil.[5] A palavra caricatura vem do italiano *caricature*, que quer dizer carregar, ou seja, exagerar em vários aspectos estéticos. Uma definição, que julgamos interessante e instigante, diz que caricatura é uma arte que exagera nos traços de um personagem socialmente reconhecido, a fim de deturpá-lo, satirizá-lo, causar o riso e a reflexão do leitor da imagem. Isso indica que seu efeito de humor e crítica não se dá apenas pela deturpação de características e defeitos do personagem caricaturado, mas depende também de um reconhecimento social da própria vítima da agressão e/ou das convenções utilizadas para ridicularizá-lo. Assim, parece, em um primeiro momento, uma incoerência a utilização da palavra caricatura somente enquanto arte que deturpa as características de um personagem, para definir os desenhos dessas revistas que primavam pelo realismo. Todavia, ao considerarmos o contexto social e cultural do Brasil oitocentista percebemos que a comicidade, a sátira, o humor, a agressão e a crítica social não ocorriam necessariamente pelo exagero dos traços e a deturpação das características físicas tais como os concebemos no século XXI. Isso indica que certas composições artísticas podiam ser vistas como sátiras ou agressivas, mesmo que fossem predominantemente realistas em seus traços. Ou seja, como afirma Motta (2006, p. 23), a essência da caricatura estaria mais na sua verve crítica, o que pode ou não ocorrer pela sátira e humor.

Outro problema para entender a caricatura está nas funções que poderia adquirir dentro de uma sociedade. Em algumas visões ela seria apenas uma arte de entretenimento, de descontração, de raízes populares e natureza efêmera. Outros reconhecem seu papel no debate político e crítica social, sendo um expoente do ideal de modernidade. Nesse caso seus sentidos estariam presos a um contexto histórico que, na verdade, tem muitas vezes seus limites vagamente definidos. Então formulamos duas

[5] Destacamos os seguintes estudos brasileiros para uma reflexão conceitual de caricatura: Fonseca (1999), Gawryszewski (2008) e Picado (2012).

questões: o que devemos considerar como contexto para estudo de uma caricatura e até que ponto são relevantes determinados aspectos dessa realidade para definir a função ou funções dessa arte em uma sociedade? Entendemos que essas são duas questões comuns às pesquisas que analisaram as revistas ilustradas e por isso tentaremos também abordá-las com nossa proposta metodológica.

Os estudos destacados anteriormente apontaram de forma abrangente as principais ideias que compunham o conteúdo de algumas folhas ilustradas, numa espécie de síntese dos posicionamentos políticos dos seus editores, das opções estéticas dos artistas e das opiniões dos colunistas acerca da sociedade brasileira. Observamos nesses casos que periódicos como a **Revista Illustrada**, a **Semana Illustrada** e o **Mequetrefe** têm suas histórias apresentadas em quadros panorâmicos de suas ações na sociedade e na imprensa no Brasil, como uma miscelânea formada pelas ideias, símbolos, pelas linguagens desenvolvidas, que compunham os conteúdos de seus textos e imagens. Isso não significa que essas pesquisas debateram questões superficiais sobre esses periódicos. Indica apenas uma tendência historiográfica que opta em flexibilizar problemas específicos, que são melhor observados pelo aprofundamento do contexto de elaboração e publicação de uma caricatura ou texto, para apreender questões mais gerais que apareceram na história de uma folha ilustrada. Por isso, de acordo com cada enfoque dado, determinados aspectos dessas revistas foram ressaltados e outras questões deixaram de ser apontadas. Por exemplo, destacamos Silva (2010, p. 137) que buscou compreender as caricaturas publicadas na **Revista Illustrada** para além das convenções estéticas imediatamente identificadas nelas.[6] A estudiosa conseguiu demonstrar quais seriam as referências artísticas de caricaturistas como Angelo Agostini, no qual foram identificados paralelos com pinturas de Goya. Todavia a estudiosa abdicou de analisar as referências de livros, colunas de jornais e leis que ajudaram na elaboração, não somente das colunas das revistas, mas também das imagens. Outro exemplo é o estudo de Lopes (2010) que priorizou as apropriações dos símbolos republicanos na imprensa ilustrada brasileira das décadas de 1860 a 1890. O estudioso identificou várias formas de apropriação de imagens ligadas ao ideal republicano e fez uma análise comparativa

[6] É uma intepretação de bases semiológicas, que considerou os símbolos e sentidos explicitamente identificados nas caricaturas, mas também as questões implícitas e ocultas que provavelmente ajudaram na elaboração das artes. Dois textos muito interessantes que recomendamos sobre o estudo de história por meio da análise de imagens são os de Luciene Lehmkuhl (2010) juntamente com a obra de Peter Burke (2004).

que deixou de destacar o diálogo e o embate político que se desenvolveu entre as folhas em uma mesma época.

O método dos Blocos Temáticos de Análise

Em nosso entendimento as pesquisas historiográficas brasileiras deixaram, em alguma medida, de valorizar os diálogos que poderiam existir entre as imagens e os textos presentes nos números publicados de uma revista e entre seus números e os impressos contemporâneos a elas. Por essa perspectiva defendemos que mesmo quando os desenhos não têm nenhuma relação de sentido com outras páginas de respectiva folha ilustrada, a própria constatação de tal condição pode ajudar a compreender a função ou o objetivo de uma arte. Obviamente nem sempre tais aspectos serão determinantes para compreensão dos desenhos. Isso porque o método adotado em um estudo e a problematização das fontes são constituídos na dinâmica da atividade de pesquisa e, por isso, devem se adequar aos problemas relativos ao recorte temático e à opção teórica de cada caso. Destacamos, assim, alguns princípios metodológicos inspirados nas propostas da história do livro e da leitura que dizem:

> É necessário destacar que a leitura das imagens e textos de um periódico como a *Revista Illustrada* como partes isoladas, poderá apenas nos fornecer imagens pitorescas de uma época. Portanto a nossa tentativa aqui foi a de conceber a leitura desses textos e imagens como resultado de uma prática social que, ainda que realizada de diferentes formas por diferentes sujeitos, ocorre sempre no interior de um sistema cuja existência depende de uma complexa rede de constituintes. (OLIVEIRA, 2004, p. 8).

O sistema apontado por Oliveira (2004) é um ponto inicial para constituição do que denominamos de blocos temáticos de análise. Essa reflexão corrobora com as ideias defendidas por Luca (2011) quanto ao método propício para interpretação da **Revista do Brasil**. A estudiosa apresenta dois princípios que devem ser levados em conta para a análise de uma revista: a sequência e a sincronia. Segundo a pesquisadora, é crucial identificar na história de uma revista suas fases de publicação, as quais apontam demandas variadas, interesses ligados a um específico contexto social e diferentes agentes que se mobilizam para sua publicação. Para a autora, esse seria o princípio da "fase" das revistas o qual pode ser apreendido pela concepção da sequência em que era publicado cada número. Ou seja, a ordem cronológica de edições de uma revista configura lógicas que ao longo de anos formam uma fase. A estudiosa também defende o conceito da sincronia, ou seja, que ideias debatidas em um texto (a nosso ver, seja ele

imagético ou não) estão sintonizadas com os demais textos daquele número/edição, mas também com textos de outros impressos que sugerem as prováveis leituras de seus editores. Enfim, as considerações de Luca demonstram como questões relativas ao projeto editorial são um dos alicerces para a compreensão de qualquer periódico. Knauss (2011) chama a atenção para se considerar também as relações entre o projeto gráfico e o editorial das revistas. Nesse caso o autor ressalta a necessidade de deslocar as análises, mesmo que brevemente, para outros agentes que participaram do processo de produção de um periódico ilustrado, como os técnicos litográficos e empresários, mas também, e por que não, o público alvo que constituiria seus leitores presumíveis, fugindo assim das predileções historiográficas que se enfocaram apenas na biografia dos caricaturistas e escritores dessas folhas.

Todas essas propostas são relacionadas em nosso trabalho aos apontamentos feitos sobre o contexto linguístico para estudo dos discursos políticos, cujo principal destaque compreendemos nas constatações de Pocock (2003). Essa vertente questiona a tradição da história das ideias de interpretar obras do pensamento político, filosófico e social utilizando-se de significados pautados no presente do pesquisador. Pocock alerta que um discurso político não pode ser interpretado por uma visão deslocada de seu específico contexto linguístico de elaboração. Também afirma que é muito difícil definirmos as reais intenções de um autor ao publicar um texto, e, portanto, devemos nos ater não ao que fez, mas ao que fazia um discurso ou acreditava estar fazendo com os efeitos da circulação de suas ideias, nos lances criados entre a tessitura e a performance linguística. Isso indica que as linguagens são construídas ao mesmo tempo que são apropriadas e codificadas por um autor e uma sociedade. Ressaltamos que Pocock concebe a ideia de que os discursos políticos podem estar em diversos suportes e ser produzidos por indivíduos de diferentes origens e formações. No entanto ele restringe sua análise a grandes obras do pensamento cujos autores têm reconhecimento na história da humanidade. Assim, analisar os discursos produzidos por intelectuais de menor destaque e que trabalharam em impressos de natureza diferente da dos livros, tal como ocorre na publicação de periódicos ilustrados, exige também uma flexibilização que defina o espaço de ação desses objetos dentro do debate intelectual e na sociedade de um contexto.

A ideia dos blocos temáticos de análise está embasada nos princípios da fase, da sequência e da sincronia dentro de um projeto editorial e em um contexto histórico-linguístico. Mas apesar de serem inúmeras as possibilidades teóricas ou de recorte

temático para o estudo das folhas ilustradas oitocentistas, acreditamos que a escolha metodológica pode levar em conta os seguintes aspectos: primeiro os sentidos apreensíveis de uma imagem ou texto e suas relações com outras imagens e textos próximos entre si, ou seja, que circulavam em determinado contexto. Segundo as apropriações contextuais de ideias, símbolos e linguagens, que devem levar em conta os significados lexicológicos, a semântica dos conceitos e as diferentes forças que influenciaram a elaboração de, por exemplo, os discursos políticos.

A nosso ver, um número específico de uma revista ilustrada oitocentista pode apresentar um tema central ou um assunto dominante que norteia direta e indiretamente as abordagens dos seus textos/desenhos. Essas ideias devem ser melhor interpretadas pela demonstração do diálogo entre os sentidos dos textos imagético e escrito, mas também nas referências externas, principalmente de jornais e editores que constituem a geração ou o grupo social, político e da imprensa em que os redatores da revista se inserem.[7] Seria essa uma das forças mobilizadoras da ação para debater, apoiar, criticar, comentar, defender ou exaltar pessoas e trabalhos em um específico momento de uma sociedade. Mas as ideias, símbolos, linguagens e abordagens desenvolvidas em um número de uma revista muitas vezes reaparecem em edições sequentes e próximas entre si. Portanto, um assunto introduzido em um determinado número de uma folha ilustrada tinha continuidade em sua próxima edição, e depois em outra e às vezes em outra, perfazendo um percurso discursivo ao longo de um ou dois meses de publicações. Isso se dava muitas vezes de acordo com o debate e os acontecimentos que influenciavam os editores, ou seja, suas respostas aos estímulos externos iam tecendo no interior do periódico movimentos de ideias e configurando posturas que só podem ser entendidas se historicamente determinadas pela sequência do argumento.

A seguir faremos uma demonstração das possibilidades de leitura da **Revista Illustrada** por meio da perspectiva dos blocos temáticos de análise. Selecionamos para tanto os números 84, 85 e 87 desse periódico, publicados entre setembro e outubro de 1877, os quais constituem um bloco de análise que aborda os eventos desencadeados na imprensa e sociedade brasileiras com o retorno de D. Pedro II de sua segunda viagem internacional. Nosso foco, nesse caso, está em debater o posicionamento político do periódico.

[7] No caso utilizamos para compreender essas referências uma livre intepretação do conceito de dialogismo elaborado por Bakhtin (1997). Segundo o estudioso todo texto ou enunciado possui uma natureza locutória e interlocutória a qual se estabelece nas referências de um discurso sobre outro discurso, denominados de dialogismos ou concepção dialógica dos enunciados.

A Revista Illustrada e o retorno de D. Pedro II ao Brasil em 1877

A **Revista Illustrada** foi lançada em janeiro de 1876 pelo ítalo-brasileiro Angelo Agostini. Sua publicação durou até 1898, o que a tornou o periódico ilustrado brasileiro de maior longevidade e com o maior número de edições publicadas no século XIX. Assim como grande parte dos periódicos ilustrados brasileiros lançados no referido período, essa revista seguiu, predominantemente, o padrão de publicação das suas equivalentes europeias.[8] A técnica da impressão litográfica foi a principal forma de reprodução dos desenhos da revista, com poucos casos em que a xilogravura foi usada na composição das páginas tipografadas. Tal formato foi consolidado no Brasil por Henrique Fleiuss em sua **Semana Illustrada** (1960-1976). A revista era composta por 8 páginas divididas igualmente entre textos e imagens. Do nosso ponto de vista, a principal característica desse periódico está na sua natureza artesanal e autoral, herança da imprensa romântica oitocentista europeia. Isso quer dizer que os responsáveis pela parte artística e de textos foram também seus editores-chefes e proprietários, no caso Angelo Agostini e Pereira Neto.

O periódico **Revista Illustrada**, ao contrário de outras folhas ilustradas, possuía uma oficina litográfica própria, o que facilitou muito o trabalho de seus artistas e tornou-a uma referência na publicação de imagens no período. Já seu principal editor-chefe, Angelo Agostini, tinha o trabalho muito reconhecido na sociedade brasileira e por isso é considerado um dos maiores expoentes da arte caricatural no país, o que se deve muito ao seu trabalho na respectiva revista. O caricaturista contou ainda com alguns colaboradores, como os redatores-chefes José Dantas Junior e Luiz de Andrade. De acordo com a historiografia, muito baseada no estudo de Ribeiro (1988), o periódico foi reconhecido por sua postura crítica e humorística sobre a política e a sociedade brasileira, com um forte posicionamento abolicionista, liberal e republicano. Sua história é comumente dividida na fase de direção de Angelo Agostini, entre 1876 e 1888, e a fase do caricaturista brasileiro Artur Bernardes Pereira Neto, de 1888 até 1898. Todavia, podemos identificar algumas mudanças significativas na redação do periódico que constituiriam subfases da sua história. Nos períodos entre 1876 e 1885, quando Dantas Junior era responsável pela parte escrita do periódico, e entre 1895 e

[8] Sobre a história da imprensa ilustrada europeia ver Bacot (2005). O autor faz uma importante colocação ao demonstrar a herança dos impressos iluministas para a formação da imprensa ilustrada no continente europeu.

1898, salvo uma pequena interrupção entre 1890 e 1894, a **Revista Illustrada** teve como redator o jornalista republicano Luiz de Andrade.

O bloco temático analisado em nosso estudo se encontra na primeira fase e subfase da história da revista, quando Angelo Agostini e José Dantas Junior eram responsáveis pelo periódico. Nesse contexto, a revista adotava uma postura ainda moderada quanto à causa abolicionista e era cautelosa na defesa ou combate aos partidos políticos brasileiros, que englobavam a ala republicana e os monarquistas. Esses dados são fundamentais para conseguirmos iniciar nossa análise.

Entre março de 1876 e setembro de 1877, o imperador do Brasil, D. Pedro II, realizou sua segunda grande viagem internacional, cuja principal meta política era conhecer e firmar acordos com os Estados Unidos. Assim, durante 18 meses o país foi governado pelo gabinete ministerial – de 25 de julho de 1875. No retorno do monarca, o governo passava por uma grande turbulência cujo responsável seria o presidente do gabinete, o ministro Duque de Caxias. Os principais motivos seriam a inoperância do político para solucionar problemas como as epidemias de febre amarela que assolaram a corte nos meses de janeiro e fevereiro dos anos de 1876 e 1877, a dura seca que castigava grande parte das províncias do norte, o problema da política de colonização com os imigrantes e a distribuição de terras. Observamos, nesse contexto, que o momento de regresso de D. Pedro II ao país era aguardado por muitos editores da imprensa não só como um reencontro com seu líder de Estado, mas também como uma solução para as diversas questões que ocorreram enquanto ele esteve ausente.

O primeiro texto de grande repercussão na imprensa brasileira sobre a chegada de D. Pedro II foi publicado em 27 de setembro de 1877 pelo **Jornal do Commércio** do Rio de Janeiro. No seu trecho inicial constava:

> Ante-hontem á noite, à bordo ainda do «Orénoque» Sua Magestade o imperador ao saber dos festejos que haviam preparado para sua recepção, ao mesmo tempo que se mostrou penhorado por estas demonstrações de amor e fidelidade, lamentou não o haver sabido a tempo de pedir que o dinheiro que se ia gastar fosse de preferencia applicado a soccorrer os nossos irmãos (palavras textuaes) das provincias do norte flagelados pela secca. (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 1877, p. 1). [9]

Percebemos que o referido jornal estava satisfeito com o retorno do imperador e ressaltava sua preocupação em solucionar os problemas que afligiam a população. D. Pedro II é representado nessa coluna como um líder ativo na política, humilde e

[9] FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Jornal do Commércio**. Acervo Publicações Seriadas. 27/09/1877.

humano, que teria aberto mão das comemorações que honravam sua pessoa para salvar seu povo. Em outros jornais como a **Gazeta de Notícias** do Rio de Janeiro o tom de entusiasmo foi parecido, fazendo apenas algumas ressalvas, como podemos perceber no seguinte trecho presente em uma de suas colunas: "Depois de18 mezes de ausência e a mesma hora em que expirava o prazo da licença que o parlamento lhe concedera, chegava ao Rio de Janeiro. S. M. o Imperador e sua Augusta Esposa." (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 1877, p. 1).[10] Esse excerto do jornal destaca o fato de o imperador ter aproveitado até os últimos momentos de sua licença do governo para permanecer fora do Brasil, o que insinua, inevitavelmente, que ele possuía outras prioridades que não o motivaram a encurtar sua viagem e retornar ao país para cuidar de seu povo. Observamos que o texto publicado no **Jornal do Commércio** será lembrado por vários jornais da corte como base de suas discussões sobre o retorno do imperador e, como demonstraremos adiante, um de seus trechos desencadeará uma grande polêmica na imprensa e na política do Brasil naquele momento.

O número 84 da **Revista Illustrada**, publicado no dia 29 de setembro, apresentava em sua capa um desenho de D. Pedro II caminhado em uma rua da corte em meio a uma forte chuva, numa região tomada pela escuridão.[11] Estava representada uma situação, de certa forma, desconfortável para o monarca e destoante da cena gloriosa apresentada na coluna do **Jornal do Commércio**, quando descreveu as comemorações sobre sua chegada no Brasil. Na legenda da imagem encontra-se a seguinte frase:

> Já começamos a sentir os benéficos effeitos da chegada de SS MM. Já temos água! O tempo desejando ser agradável ao nosso monarca, fez também o seu festejo, mandando-lhe uma copiosa chuva na última noite das luminárias (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 1877, p. 1). [12]

Pela análise da legenda, vê-se que a imagem se refere à chuva que atingiu a cidade do Rio de Janeiro após três dias de festividades populares pelo retorno de D. Pedro II.[13] Mas a ideia de que essa chuva era aguardada e beneficiou a população não

[10] FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Gazeta de Notícias**. Hemeroteca Digital, 27/09/1877.

[11] A imagem pode ser visualizada a seguir, quando demonstraremos sua construção lógica estabelecida pela sequência de ideias comuns com a última página do número 84.

[12] FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Revista Illustrada**. Hemeroteca Digital. n. 84, 29/09/1877.

[13] A palavra "Luminaria", segundo o dicionário da Língua Portuguesa de Moraes e Silva de 1891, significa qualquer candeia e também as luzes que se põem na janela à noite por ocasião de uma festividade. Essa prática de iluminar as noites de festividades na corte brasileira foi comentada em um artigo da **Gazeta de Notícias** de 3 de outubro de 1877 da seguinte forma: "Conceber o Rio de Janeiro em festa sem luminárias fôra absurdo tão grande quanto supor uma eleição regular sem polícia e cabeças quebradas." (FUNDAÇÃO BILIOTECA NACIONAL, 1877, p. 1). Ou seja, as luminárias eram algo recorrente nas festas de rua no Rio de Janeiro, pelo menos no final do século XIX.

pode ser explicada apenas pela análise isolada dessa imagem, sendo necessária uma atenção à sequência criada com os textos e imagens das páginas seguintes do número 84 para apreender o sentido dessa afirmação.

Defendemos que o número 84 da revista em análise deve ser compreendido dentro de uma específica abordagem criada para sua leitura: o uso de comparações, que apresentam visões da sociedade sobre seus governantes e, no caso especial, sobre as nobrezas. Toda essa edição se constrói pelo argumento de que o prestígio dos políticos e de suas políticas é concebido por diferentes interpretações, as quais muitas vezes são completamente antagônicas e, mesmo assim, podem estabelecer uma lógica entre si. Ou seja, as ideias de antagonismo, oposição, lógica e também de extremismo nortearam os argumentos da maioria dos textos e imagens da edição 84 para refletir sobre a popularidade e o papel da monarquia e dos governantes no Brasil.

A primeira coluna que aparece na página dois do número 84 da revista intitula-se Ephemerides e tinha como função lembrar e satirizar algum fato importante da história mundial que ocorrera no referido dia de publicação da revista, 29 de setembro. Seu texto lembrou o nascimento de Henri-Charles d'Artoís Chambord, o Duque de Bourdeaux, último representante da tradicional família real Bourbon. Vejamos o que é dito sobre esse personagem na coluna:

> Ephemerides 29 Setembro de 1832
> Nascimento do duque do Bordeaux
> O duque de Bordeaux que, à semelhança dos vinhos seus comprovincianos, teve sempre bem pouco espirito, levou toda a sua vida a piscar o olho ao throno da França. Os francezes porem, foram sempre de opinião que:
> Antes entornal-o que enthronal-o
> E deixaram-no arrolhado com seu desejo durante quarenta e oito annos, no fim dos quaes elle morreu, desgosto por não satisfazer o paladar de seus compatriotas [...]. (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 1877, p. 2). [14]

Como podemos observar, a coluna brinca com a popularidade do duque francês e ridiculariza-o. Isso porque, segundo o redator da revista, o povo da França teria enrolado e, de certa forma, sabotado o Duque de Bourdeaux em sua tentativa de se tornar rei. Uma coluna que visou lembrar o dia de nascimento dessa importante figura da nobreza se encerra com o episódio de sua morte. A ideia se constrói em torno de dois momentos extremos da vida desse nobre e candidato à monarca para ressaltar o quanto ele era impopular.

[14] FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Revista Illustrada.** Hemeroteca Digital. n. 84, 29/09/1877.

Outra coluna com o mesmo título foi publicada na página seis da mesma edição, algo incomum na história da **Revista Illustrada**. Essa coluna abordou novamente um episódio envolvendo um nobre, nesse caso o monarca D. João IV[15], primeiro representante da dinastia dos Bragança, e suas medidas que ajudaram os negócios dos advogados baianos em 1652. Como recompensa, ele conseguiu grande prestígio entre esses profissionais da capitania. Desse modo, observamos a construção de uma lógica entre essas colunas de mesmo nome as quais apontam diferentes situações de popularidade dos nobres no mundo. Outro ponto importante está na ideia de extremismo representado na situação dos personagens. Enquanto o duque francês foi o último membro de sua casa-real, o rei português era o primeiro monarca de sua família.

Já na coluna seguinte ao texto da Ephemerides podemos captar a síntese argumentativa do número 84, quando se abordou o que foi dito na imprensa sobre a receptividade da população na chegada de D. Pedro II ao Brasil. Vejamos parte dessa coluna escrita por A. Gil, pseudônimo de Dantas Junior:

> Rio. 29 do Setembro de 1877.
> Mais por calculo, do que por ingenuidade, todo esse mundo é zarolho. Os que não são do olho direito, são do olho esquerdo. D'ahi vem que o mesmo acontecimento é sempre commontado por dois modos. Cada qual trata devel-o por seu lado, isto é, pelo lado que mais convem a cada um. A chegada de S. M. veio também dar lugar a duas interpretações, perfeitamente antagônicas. (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 1877, p. 2). [16]

Uma ideia muito interessante apresentada aqui se refere ao fato de que todo mundo é zarolho, o que quer dizer que as pessoas enxergam de formas diferentes o mundo, mas nunca por completo. Segundo o redator, alguns jornais disseram que havia pouca gente no cais durante a chegada do imperador e que, por isso, a população do Rio de Janeiro se mostrou indiferente à volta do seu monarca. Já outros diziam que a rua do Ouvidor estava cheia de pessoas com muito entusiasmo e simpatias espontâneas para o retorno de D. Pedro II. Na visão da revista seria possível conciliar essas visões tão antagônicas sobre o retorno do monarca, como podemos observar adiante:

> Dando porem razão a ambos os lados, pode ficar a causa assim arranjada:
> S. M. tem seus amigos agradecidos, como a república conta seus dedicados satellites. É o systema representativo [...]. O povo porem que deixou de ir ao caes de desembarque – e acudio á rua do Ouvidor, visou apenas sua comodidade e prazer. Não foi ao caes, porque estava ainda a dormir; e sahio

[15] Há um erro na elaboração do texto que cita D. João VI ao invés de D. João IV.

[16] FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Revista Illustrada.** Hemeroteca Digital. n. 84, 29/09/1877.

> de noite a passeiar para fazer alegremente a sua digestão As moças foram ver os moços, estes ver as moças e os velhos e velhas, que fazem sempre de centro de comedia, proporcionar o encontro das filhas com os sobrinhos. (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 1877, p. 2).

Percebemos nessa coluna que a **Revista Illustrada** articulou as divergentes interpretações sobre a recepção da sociedade a D. Pedro II para demonstrar que, no fim, tudo depende dos interesses políticos envolvidos. Interesses que não se encontram apenas entres as diferentes alas políticas, mas também na população que em parte esteve presente no evento para se divertir. Nesse caso, a imagem de D. Pedro II é concebida dentro de uma dualidade de visões que veem manifestações tanto de prestígio quanto de indiferença para com o imperador.

Na sequência da leitura dessa edição encontramos outra coluna que comenta um trecho da reportagem do **Jornal do Commércio** do dia 27. Ela se intitulava Echos e foi escrita por A. Esphinge, pseudônimo de um colaborador do periódico, o qual não conseguimos identificar. O comentário dizia sobre a provável declaração que D. Pedro II teria dado ao colunista do referido jornal. Na nota o imperador afirmava que não tinha se envolvido com nenhum ato do governo durante sua ausência do país. Para o autor da coluna, o monarca queria dizer que reprovava várias medidas adotadas pelo gabinete ministerial enquanto estevisse em viagem. Por isso, A. Esphinge insinuou que D. Pedro II queria criticar vários políticos como o ministro dos negócios Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, o Visconde do Rio Branco, o ministro Zacarias e também os jornais que defenderam o governo nesse período. Por último o redator diz:

> S. M. estranhou bastante a falta de sessões, quando nada se fez e tudo está por fazer [...]. (De accordo, porque o que elles querem é sessão extraordinaria a cincoenta mil réis por dia.) (Neste ponto eu peço venia para discordar de S. M.). (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 1877, p. 3). [17]

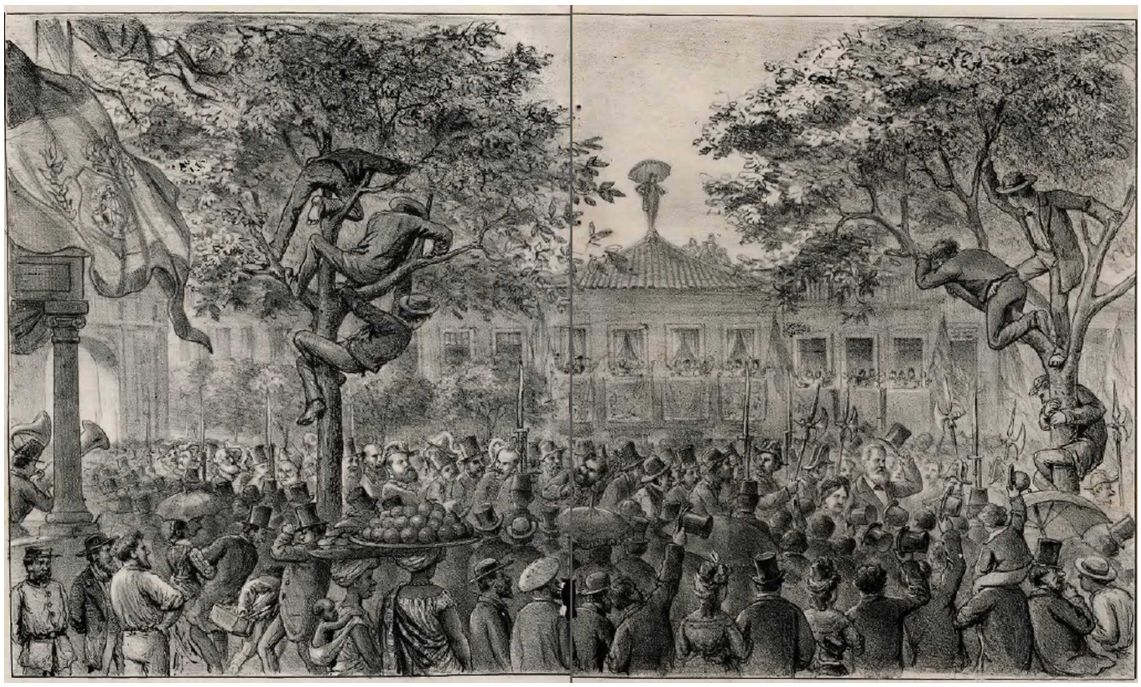
Percebemos que A. Esphinge aproveitou-se da referida declaração para criticar os políticos brasileiros, simulando que era essa a verdadeira intenção do Monarca, quando na verdade era o próprio redator quem falava. Foi destacado, no fim, a inoperância da câmara e de sua mesquinhez para forçar sessões extraordinárias cuja remuneração era maior do que das sessões comuns. Nesse último ponto, o autor finge em tom cínico discordar de D. Pedro II, mesmo que tudo fosse uma simulação. Pareceu-nos que o intuito foi estabelecer a ironia no texto para desaprovar o repugnante ato da

[17] FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL **Revista Illustrada**. Hemeroteca Digital. n. 84, 29/09/1877.

câmara. Por isso o autor aproveitou-se do mesmo artifício que os deputados usavam para justificar suas condutas, ou seja, o fingimento, e assim criticá-los com a mesma postura.

Nas páginas quatro e cinco da revista, observamos uma grande arte que representa o acolhimento da população perante a passagem de D. Pedro II pela rua 1º. de Março. Seria um desenho apenas de celebração daquele momento, caso não estivéssemos atentos a toda a discussão desenvolvida no número 84 sobre o prestígio do monarca no Brasil. A seguir encontra-se o desenho seguido de um trecho do **Jornal do Commércio** descrevendo a cena:

Figura 1- Comemorações do retorno do Imperador



Fonte: (MUSEU IMPERIAL, 1877, p. 4-5). [18]

[18] MUSEU IMPERIAL (Brasil). **Revista Illustrada**. Coleção Revista Illustrada. n. 84, 29/09/1877. p. 4-5.

> [...] É impossivel descrever a agglomeraçâo do povo e de senhoras penduradas nas janellas das casas situadas nas ruas por onde passaram Suas Magestades. Difficilmente se podia transitar por ellas. [...] Para festejar o feliz regresso de Suas Magestades Imperiaes haviam sido ornadas com arcos, coretos, bandeiras e galhardetes as seguintes ruas: Primeiro de Março, Ouvidor, praça da Constituição, ruas do Theatro, Constituição, Quartel de 1º batalhão do infantaria, rua do Senador Eusebio, incluindo a praça Onze de Junho, ruas de Santa Rosa, Paysandu, Humaitá, Guanabara, Ajuda, Passeio, Hospício, Rosário, Ourives e Guarda Velha. (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 1877, p. 1). [19]

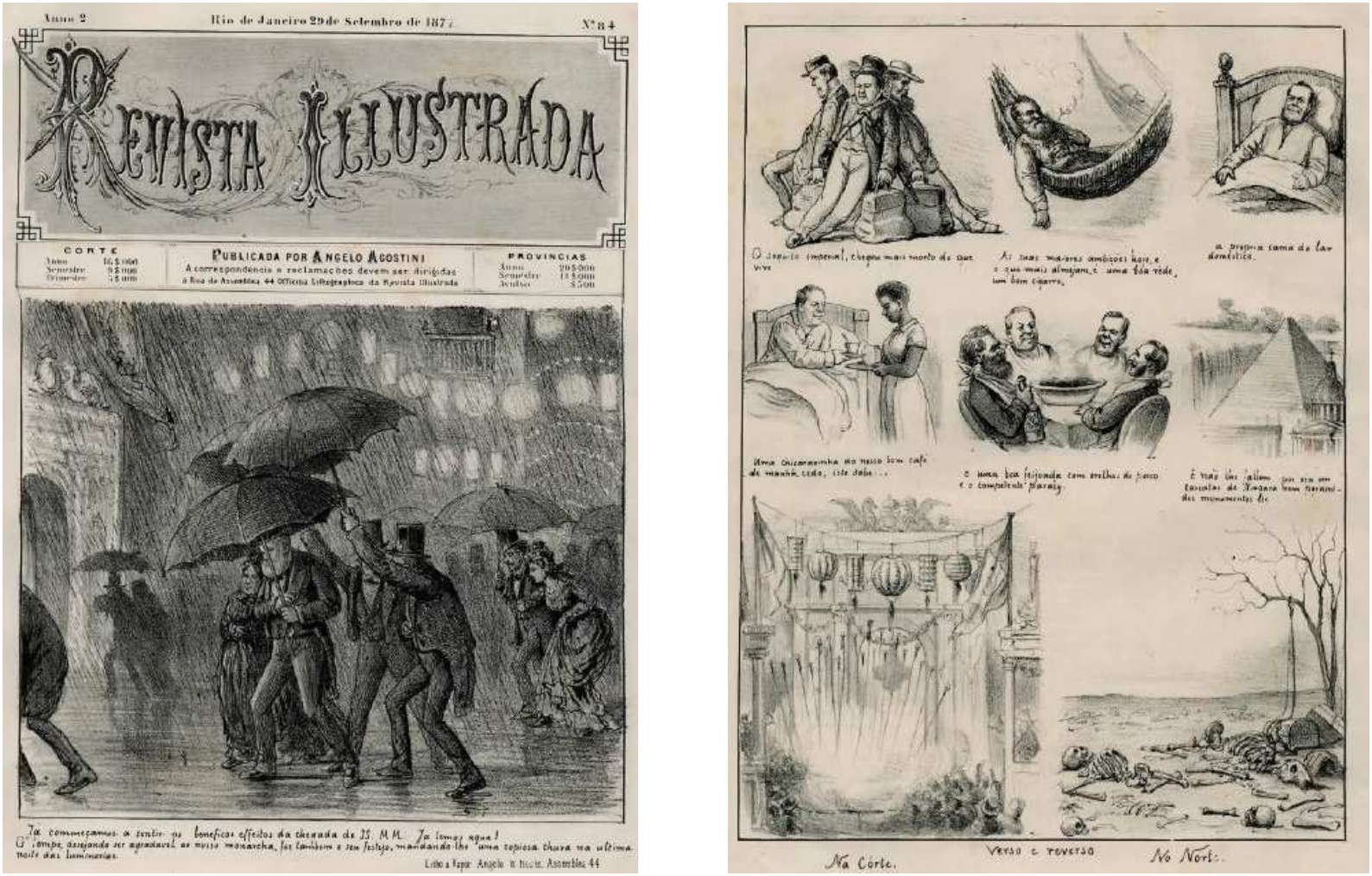
Ao desenho segue basicamente a descrição de diversos jornais sobre o evento do dia 26 de setembro. É uma composição extremamente detalhista, carregada de informações, o que indica certo cuidado e dedicação em sua elaboração. É crucial ressaltar que antes da publicação dessa imagem, grande parte da população do Brasil provavelmente imaginou a cena apenas pelas informações contidas nos textos dos jornais ou de relatos de pessoas que participaram do evento, com exceção, é claro, dos habitantes da corte. Por isso, acreditamos que tal arte foi muito apreciada naquele contexto pelos leitores de outras regiões do Brasil, pois ela teria os ajudado a "observar" melhor o evento do retorno de D. Pedro II ao Brasil. Alguns pontos que podemos destacar no desenho são seus exageros, tais como um personagem representado no centro da cena, em pé no telhado de uma casa e com um guarda-chuva na mão, dando a ideia de quão grande eram alguns dos sacrifícios do povo para conseguir enxergar a passagem do imperador pela rua. Também destacamos a fila de ministros que segue atrás do D. Pedro II, como se esse os guiassem pela multidão, algo que aparentemente os desagradava visto as expressões de suas faces[20]. Enfim, a arte demonstra que se o imperador do Brasil não era um político de grande prestígio, ao menos era uma pessoa muito instigante e que gerava interesse da população.

Por fim, vamos analisar a última página do número 84 do periódico em estudo, em comparação com a sua primeira página, como podemos visualizar a seguir:

[19] FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Jornal do Commércio.** Acervo Publicações Seriadas. 27/09/1877.

[20] A representação de D. Pedro II guiando os ministros foi utilizada em um desenho publicado no número 87 da **Revista Illustrada**. Todavia, nessa nova arte a situação dos políticos foi invertida, colocando então os ministros como guias do imperador. Essa imagem será analisada adiante no trabalho.

Figura 2 - Sequência da capa e última página no número 84



Fonte: (MUSEU IMPERIAL, 1877, p. 1; 8). [21]

[21] MUSEU IMPERIAL (Brasil). **Revista Illustrada**. Coleção Revista Illustrada. n. 84, 29/09/1877. p. 1; 8.

A arte sequencial elaborada na última página do número 84 da **Revista Illustrada** faz uma reflexão sobre a postura dos políticos nos primeiros dias que sucederam o regresso do imperador ao Brasil. No desenho ficou constatado que a organização das festividades deixaram esses personagens cansados e por isso eles queriam apenas descansar e relaxar. Ou seja, eles sentiam que cumpriram seu dever com a nação. Entretanto, a cena final demonstrou duas realidades muito divergentes: do lado esquerdo as comemorações na corte, delimitadas por um espaço em branco que contém os dizeres "Verso e reverso, A corte e o Norte", e do lado direito a região norte do país representada por uma paisagem desolada pela seca, com os esqueletos de um homem no chão. Novamente o antagonismo de visões é utilizado para confeccionar uma ideia que, por meio da ironia, faz uma crítica aos políticos, mas também a toda sociedade da cidade do Rio de Janeiro. Observamos que a cena final da Corte se passa no mesmo local representado na capa do periódico. Ou seja, há uma relação de sentidos entre elas. Conseguimos apreender, desse modo, qual seria a conclusão do respectivo número da **Revista Illustrada**: os políticos, os jornalistas e a população em geral enxergavam o que lhes convinham e se esqueciam do que poderia causar constrangimento, principalmente, sobre aquilo que lhes é imputado como responsabilidade. Assim, em meio as comemorações da chegada do imperador a sua terra natal, outra população que fazia parte do mesmo país não tinha nada a comemorar. Os ministros, dando-se por satisfeitos, não se importavam com a triste situação que dizimava as províncias do norte. E a mesma chuva que fechava as festividades na Corte provavelmente teria sido uma benção para o povo do norte brasileiro. Entendemos que, de certa forma, os benefícios da água destacados na imagem da capa podem ser relacionados à ideia da seca no norte, mas também se ressalta o efeito da chuva de encerrar as festividades, as luminárias de rua, deixando a cidade na escuridão para que no dia seguinte fosse restabelecido os trabalhos que poderiam resolver os tristes problemas do Brasil.

Observamos que a análise conjuntural do número 84 da **Revista Illustrada** possibilitou a apreensão de diversos sentidos que dificilmente poderiam ser observados por uma análise isolada de seus textos e imagens. E a recorrência de ideias, artifícios linguísticos e estéticos demonstra o cuidado dos editores ao elaborarem a edição. Isso confirma a existência de estratégias discursivas que dizem um pouco das intenções dos autores, mas também das possíveis leituras da revista. Também demonstram as relações estabelecidas entre outros jornais, que são uma das inspirações e referências dos editores.

Iremos, a seguir, fazer uma rápida abordagem dos números 85, publicado no dia 6 de outubro e 87 do dia 29 de outubro. O objetivo maior é apontar questões que devem surgir quando visualizadas as relações entre imagens e textos de diferentes números da **Revista Illustrada**. As duas imagens que se seguem são as capas dos referidos números:

Figura 3 – Sequência das capas dos números 85 e 87.

Fonte: (MUSEU IMPERIAL, 1877, p. 1; MUSEU IMPERIAL, 1877, p. 1). [22]

[22] MUSEU IMPERIAL (Brasil). **Revista Illustrada**. Coleção Revista Illustrada. n. 85, 6/10/1877. p. 1. MUSEU IMPERIAL (Brasil). **Revista Illustrada**. Coleção Revista Illustrada. n. 87, 29/10/1877. p. 1.

Claramente as duas capas dialogam entre si. A postura do índio representando o Brasil com o sinal de dúvida, a interrogação, na primeira cena, e depois com o sinal de exclamação na segunda, indicam uma ideia de conclusão. Na legenda da primeira cena está escrito: "Desde que chegou S. M. existe um grande ponto de interrogação em S. Christóvão." (MUSEU IMPERIAL, 1877, p. 1).[23] Na legenda da segunda cena identificamos: "O ponto de interrogação que havia entre o paiz e S. Christóvão mudou de forma depois da falla do throno." (MUSEU IMPERIAL, 1877, p. 1).[24] Assim concluímos que o cenário representado refere-se ao palácio de São Cristóvão, onde podemos identificar no meio das brumas o imperador. A referida fala de D. Pedro II ocorreu no dia 14 de outubro de 1877 e fechou as atividades da câmara naquele ano. Segundo consta nessa declaração:

> A ordem pública tem-se mantido inalterada, graças à indole do nosso povo e a sua adhesão ás instituições que nos regem. Com o vosso concurso, e auxiliado pela caridade particular, o Governo tem sido solicito em acudir ás províncias do norte do Império victimas desde algum tempo do terrível flagello da secca; e não se descuidará dos meios de prevenir, quanto fôr possível no futuro, os effeitos de tamanha calamidade. [...] Tornando ás vossas províncias, estou certo de que prosseguireis no empenho de firmar cada vez mais no ânimo de nossos concidadãos a convicção de que a felicidade e grandeza do Brazil dependem da fiel observância da Constituição e das leis. (BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL, 1889, p. 756-758). [25]

Percebemos que o imperador enaltece o respeito do povo pelas instituições políticas do Brasil, pela constituição e pelas leis, colocando-as como os alicerces da nação. Ao mesmo tempo ele reconhece a importância dos trabalhos dos ministros, dos deputados e dos senadores para ajudar a população. Dessa maneira, D. Pedro II diminuía sua relevância enquanto personagem da política nacional, dando o protagonismo aos referidos representantes do povo. Mas o que teria acontecido nessas semanas que se seguiram ao número 84 para que os editores elaborassem duas capas tão parecidas e que indicaram alguma conclusão sobre o papel no imperador no Brasil?

Tudo se deve ao trecho do **Jornal do Commércio**, já mencionado no número 84 da revista, que dizia: "Sua Magestade quer que se saiba que durante toda a sua viagem de dezoito mezes não dirigiu a S. A. Imperial e Sra. Princeza Regente, nem a nenhum dos ministros do Estado um só telegramma sobre negócios do governo no país."

[23] MUSEU IMPERIAL (Brasil). **Revista Illustrada**. Coleção Revista Illustrada. n. 85, 06/10/1877.

[24] MUSEU IMPERIAL (Brasil). **Revista Illustrada**. Coleção Revista Illustrada. n. 87, 29/10/1877.

[25] BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL (Brasil). **Fallas do Throno**. Coleção Obras Raras. 1889.

(FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 1877, p. 1).[26] O **Jornal do Commércio** não apresentou nenhuma prova de que o imperador teria dito tais palavras. Por isso, iniciou-se uma grande polêmica na sociedade da corte, pois os ministros se sentiram ofendidos com o possível desprezo do imperador por seus trabalhos, os grupos de oposição atacaram o monarca por sua prepotência, os monarquistas acusaram o **Jornal do Commércio** de publicar inverdades, entre tantas outras opiniões. Nesse caso, a **Revista Illustrada** não se absteve da discussão e colocou seu ponto de vista em uma coluna escrita por Dantas Junior no número 85:

> Rio, 6 de Outubro de 1877.
> Eu fujo o mais que posso da politica, esse mundo completamente á parte, de onde emanam todas as leis; mas onde nenhuma tem guarida. Esses homens que tudo codigam para os outros, fazem no entanto uma guerra eterna ao codigo do Bom Tom. O Roquette aconselhava aos seus filhos um certo sentimentalismo nas despedidas, pois foi justamente nas despedidas da câmara, que alguns deputados quasi substituíram o socco ao aperto de mão.A cousa esteve realmente feia e as trovoadas da camara tiveram seu echono senado.E foi o dito imperial, soprado no ouvido do grande orgam, que motivou todaa celeuma.S. M. quer que se saiba que, durante a sua ausência não teve a menor influencia na gerencia dos actos do governo. Declaração bem justa do quem não quer apadrinhar as cousas ruins que se fizeram durante dezoito mezes. E não foram poucas. É natural que quem pario Matheus, que embalance. (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 1877, p. 2). [27]

Observamos que o redator da revista praticamente transcreveu parte da coluna Echos publicada no seu número 84 para iniciar esse novo texto. Aqui ele defende o imperador das acusações contra sua declaração e justifica seu ato dizendo que realmente ninguém em seu lugar iria assumir as responsabilidades por trabalhos mal feitos. O argumento do periódico teve continuidade nas páginas quatro e cinco do referido número, como podemos observar:

[26] FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Jornal do Commércio**. Acervo Publicações Seriadas. 27/09/1877.

[27] FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Revista Illustrada**. Hemeroteca Digital. n. 85, 06/10/1877.

Figura 4 - Síntese da polêmica sobre a declaração do Imperador

Fonte: (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 1877, p. 4-5). [28]

[28] FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Revista Illustrada**. Hemeroteca Digital. n. 85, 06/10/1877. p. 4-5.

A imagem é uma síntese da polêmica que envolveu a declaração de D. Pedro II. Nela observamos como os políticos e jornalistas reagiram e atacaram uns aos outros, seja em jornais ou na câmara, tal como foi denunciado na primeira coluna da revista. Observamos a figura do ganso que na imagem representa os grupos políticos dos liberais, dos conservadores e dos republicanos, os quais metaforicamente fizeram muito barulho para que o monarca tomasse providências, como a de dissolver o ministério. A possível intenção deles seria ocupar esses cargos aproveitando-se da fragilidade do governo por conta da polêmica em questão. E seria esse um dos pontos de maior crítica do periódico sobre a referida situação. A figura do ganso volta a ser utilizada na última página do número 85 de forma a confirmar essa interpretação.

Figura 5 – Os guias do Imperador

Fonte: (MUSEU IMPERIAL, 1877, p. 8). [29]

[29] MUSEU IMPERIAL (Brasil). **Revista Illustrada**. Coleção Revista Illustrada. n. 85, 06/10/1877. p. 8.

Na imagem observamos o imperador de olhos vendados ao lado do mesmo índio representado na capa, todos em uma carruagem que é guiada pelos ministros do governo e puxada por vários gansos. Ou seja, os editores da revista retomavam a ideia elaborada na edição 84, onde D. Pedro II direciona os desgostosos ministros pela multidão. Mas agora há uma inversão na situação que, literalmente, ilustra a interpretação da revista sobre algumas declarações dos ministros. De acordo com esses políticos, a população tinha total confiança no governo. Mas os editores deixavam claro, como consta na legenda da imagem, que seria uma confiança de cegos. Observamos que a **Revista Illustrada** fez ao mesmo tempo uma crítica à postura daqueles que culpavam o monarca pelos problemas sociais e políticos do Brasil, como se ele fosse o verdadeiro e único guia da nação, mas também sobre a postura de D. Pedro II que se fazia cego perante a triste situação ocasionada pelas escolhas de seus ministros. Essa ideia continuou a ser desenvolvida na edição 87, quando foi ressaltada, de acordo com a fala do imperador na câmara no dia 14 de outubro, sua defesa dos políticos e das instituições brasileiras. Enfim, para os editores da revista, a atitude de D. Pedro II era uma forma de amenizar a polêmica criada em torno da sua suposta declaração no **Jornal do Commércio**.

Considerações finais: as possibilidades do método e os problemas a serem desenvolvidos

As ideias e linguagens desenvolvidas no número 84 da **Revista Illustrada**, as quais foram elaboradas antes do início da polêmica com a declaração do imperador, puderam ser mais bem percebidas pelo cuidado analítico que interpretou as imagens e os textos conjuntamente. Nessa mesma perspectiva, apontamos que os usos dessas linguagens provavelmente apareceram ao longo do restante do bloco temático, evidenciados talvez por novas abordagens. Algumas delas ficaram demonstradas, como a escolha dos editores de inverter em duas imagens distintas os papéis do imperador e dos ministros enquanto guias da política nacional. Ficou indicado, também, mesmo que brevemente, a possibilidade do pesquisador buscar referências fora da imprensa para compreensão desses periódicos, como demandou a capa do número 87, que destaca as falas de D. Pedro II, e também pela consulta ao dicionário de época de Moraes e Silva utilizado na nota de rodapé número 13. Ou seja, os princípios da sequência, da sincronia e da contextualização dos discursos constituíram parte fundamental da análise do

momento representado pela **Revista Illustrada**, de acordo com nosso recorte temático que focalizou as questões políticas.

Em nosso trabalho alguns temas foram melhor desenvolvidos devido à metodologia dos blocos temáticos, tais como as diferentes visões da sociedade brasileira sobre o imperador. Ressaltamos que muitos aspectos foram deixados de lado, como questões relativas à cultura da época, que poderiam ser apreendidas pelas resenhas teatrais, pelos poemas ilustrados, pelas histórias nos folhetins, entre tantas outras formas de textos que foram publicados no periódico ao longo de sua história. Também fazemos um alerta de que nem todos os assuntos abordados na revista tomaram proporções que permitem seu estudo pelos blocos temáticos de análise. Alguns textos parecem desconexos e até mesmo alguns números inteiros, como foi o caso da edição 86 que abordou muitos temas avulsos e, por isso, não foi interpretada em nosso trabalho. Enfim, ressaltamos mais uma vez a necessidade de considerar a proposta editorial de um periódico, sua dinâmica de produção, os personagens envolvidos em sua elaboração, sua circulação na sociedade, bem como os tipos de texto e imagens nele publicados, sejam de cunho humorísticos ou de pensamento teórico. Todas essas questões só evidenciam a riqueza e a complexidade das revistas ilustradas do Brasil oitocentista, o que as tornam um objeto a ser ainda muito explorado pela historiografia.

Enfim, os estudos sobre as leituras das revistas ilustradas devem sempre buscar, adequar e renovar os métodos de análise de acordo com cada enfoque dado. Recomendamos um estudo que possa testar a proposta dos blocos temáticos de análise para outras revistas ilustradas do final do século XIX e também no início do século XX, pois a natureza editorial de algumas delas diverge muito das características gerais das revistas oitocentistas, bem como seu contexto político-social. Como bem ressaltou Knauss (2011, p.40), “o mais importante é renovar o olhar sobre essas publicações, detendo-se sob suas particularidades. É perfeitamente viável, portanto, que cada uma delas seja abordada em profundidade.” Dessa forma, os estudos poderão apontar caminhos e problemas que proporcionem cada vez mais a renovação historiográfica sobre as revistas ilustradas no Brasil.

How to read an illustrated magazine? A methodological issues for studies of periodics illustrated published in Brazil by nineteenth-century

Abstract

The article discusses about methodological issues in the study of illustrated magazines from Brazil published by nineteenth-century. The goal is to debate a method established in the interaction of texts and images inside a number of illustrated magazine, the logic formed by a sequential read of their editions and in its relations with other magazines and journals that circulated in Brazil during the nineteenth century. That is called prospect "analysis of thematic blocks" and allows us to understand directions that were not observed when the analisys consider isolated images and texts of these magazines. The proposal indicates the importance of the historian consider the editorial design of an illustrated magazine and the forms of appropriation and contextualization of ideas, symbols, and visions about the brazilian society. Therefore, we analyzed the numbers 84, 85 and 87 of the **Revista Illustrada** by Angelo Agostini. It was approuched the return of D. Pedro II to Brazil after his second international trip in 1877 and the impact of that fact in the brazilian press. Thus it ispropouse ways that can contribute to the historiographical interpretation of the illustrated magazine published in Brazil by the nineteenth century.

Keywords: Illustrated magazines; Methodology; Brazil; Nineteenth-century.

REFERÊNCIAS

Fontes primárias

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL (Brasil). **Fallas do Throno**. Coleção Obras Raras. 923 p. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/227319>. Acesso em: 10 ago. 2015.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Jornal do Commércio**. Acervo Publicações Seriadas. 27/09/1877.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Gazeta de Notícias**. Hemeroteca Digital. 27-09-1877. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2015.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Gazeta de Notícias**. Hemeroteca Digital. 03-10-1877. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2015.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Revista Illustrada**. Hemeroteca Digital. n. 84-85, 86 e 87, set./out. 1877. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2015.

MUSEU IMPERIAL (Brasil). **Revista Illustrada**. Coleção Revista Illustrada. n. 84-85, 86 e 87, set./out. 1877. Projeto Digitalização do acervo do Museu Imperial (DAMI). Disponível em: <http://www.museuimperial.gov.br/dami/>. Acesso em: 20 mar. 2015.

Fontes secundárias

ALONSO, Angela. **Ideias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 392 p.

ANTUNES, De Paranhos. **O Pintor do romantismo**: vida e obra de Manuel de Araujo Porto-alegre. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1943. 238 p.

BACOT, Jean-Pierre. **La presseillustréeau 19e siècle**. Paris: Pressesuniversitaires de Limoges, 2005. 227 p.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão. SãoPaulo: Martins Fontes, 1997.

BALABAN, Marcelo. **Poeta do Lápis**: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil imperial (1864-1888). Campinas: Ed. da Unicamp, 2009.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: Editora Edusc, 2004. 264 p.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 166 p.

CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COTRIM, Álvaro. **J. Carlos**: época, vida, obra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 107 p.

FONSECA. **Joaquim da Caricatura**: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1999.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. **Conceito de caricatura:** não tem graça nenhuma. Revista Domínios da Imagem, número 02, maio de 2008, Universidade Estadual de Londrina, 2008.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Henrique Fleiuss: vida e obra de um artista prussiano na Corte (1859-1882). **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 85-95, jan./jun. 2006.

KNAUSS, Paulo. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado. In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta (Org.). **Revistas Ilustradas**: modos de ler e ver no segundo reinado. Rio de Janeiro: Mauad, 2011. p. 17-40.

LEHMKUHL, Luciene. Fazer história com imagens. In: Paranhos, Kátia; Lehmkuhl, Luciene; Paranho, Adalberto (Org.). **História e imagens**: textos visuais e práticas de leituras. Campinas: Mercado de Letrs, 2010. p. 53-70.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. 4 v.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. **A República e seus símbolos**: a imprensa ilustrada e o ideário republicano. Rio de Janeiro, 1868-1903. 2010. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre, 2010.

LUCA, Tania Regina de. **Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Editora UNESP, 2011. 357 p.

MAGNO, Luciano. **História da Caricatura Brasileira**: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012. 528 p.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). 1. ed. São Paulo: EDUSP/ FAPESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MCKENZIE, Donald. F. **Bibliography and the Sociology of Texts**. Cambridge: Harvard Press, 1999.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006. 191 p.

OLIVEIRA, Gilberto Maringoni. **Angelo Agostini**: ou impressões de uma viagem da corte à Capital Federal (1864-1910). 2006. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em História, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Luciane Moreira de. Entre textos e imagens: editores e impressos na Revista Illustrada. I Seminário Brasileiro Sobre o Livro e História Editorial, 8 a 11 de novembro de 2004. **Anais...** Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa. Disponível em: <http://www.uff.br/lihed/primeiroseminario/pdf/lucianemoreira.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2015.

PICADO, Benjamim. Retórica e Poética do Traço: o estilo na caricatura e a estrutura episódica do humor gráfico. In: DALCASTAGNÈ, Regina (Org.). **História em quadrinhos**: diante da experiência dos outros. Vinhedo: Horizonte, 2012. p. 149-162.

PIRES, Maria da Conceição Francisca. Centenário do traço: o humor político de Ângelo Agostini na Revista Illustrada (1876-1888). **Simpósio Angelo Agostini 100 anos depois**. Rio de Janeiro: Casa Ruy Barbosa, 2010.

POCOCK, John G.A.; MICELI, Sérgio. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: EDUSP, 2003. 452 p.

RIBEIRO, Marcus Tadeu Daniel. **Revista Illustrada (1877-1898) – síntese de uma época**. 1988. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em História, Rio de Janeiro: 1988.

SILVA, Antonio de Moraes e. **Diccionario da língua portugueza.** 8. ed. Rio de Janeiro; Lisboa: Empreza Litteraria Fluminense, 1890-1891. 2 v.

SILVA, Rosangela de Jesus. **O Brasil de Angelo Agostini**: Política e sociedade nas imagens de um artista (1864-1910). 2010. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-graduação em História, Campinas, 2010.

SIQUERI, Marcelo Silvestrin. **Caricatura política e a produção de discursos derrisórios**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-graduação em Letras, Cuiabá, 2006.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **O Traço como texto**: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930. Rio de Janeiro; Brasília: Fundação Casa de Rui Barbosa; Ministério da Cultura, 2001. 63 p.

TELLES, Angela Maria Cunha da Motta. **Desenhando a Nação**: Revistas Ilustradas do Rio de Janeiro e Buenos Aires nas décadas de 1860-1870. 2007. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em História, Rio de Janeiro, 2007.

Recebido em abril de 2015.
Aprovado em setembro de 2015.